

RELATÓRIO DE PESQUISA

Relações entre o cotidiano escolar da educação infantil e a problemática racial brasileira

Daniela Xavier Cenciani

Graduando em Pedagogia

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

h_diasunirio@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Para trabalhar a questão racial na Educação Infantil é fundamental conhecermos o que é ser criança e suas formas de falar e interagir. Em cada momento da história, a criança é vista de forma diferente. Até o século XVII, ela convivia com os adultos de forma igualitária, ou seja, não tinha seu espaço. A partir do século XVIII (na Europa e no Brasil somente no século XIX) surge o conceito de infância, pelo qual, a criança é compreendida como um adulto pequeno, que será o futuro econômico da sociedade. Porém, a palavra infância vem do latim e significa “incapacidade de falar, mudez”. (on line, 10/01/2008).

De acordo com os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006), a criança pode ser definida como

um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação. (p.14)

A criança entre 4 e 6 anos de idade vive uma fase de descobrimento do seu eu, e também, questiona tudo ao seu redor. Por isso, é importante nesta fase trabalhar a questão da identidade e o conhecimento acerca da cultura africana e do negro¹.

Porém, após a leitura dos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil, observei que os mesmos não fornecem parâmetros que contribuam com a formação de uma identidade racial e, além disso, trazem esta temática de maneira superficial, abordando o tema diversidade de forma muito generalizada.

A questão racial no cotidiano escolar deve ser vista através dos estudos das diversidades racial, cultural e religiosa que constituem uma sociedade. No entanto, focarei este trabalho apenas na questão da cultura que nega o negro, pois, considero importante este enfoque a partir do momento em que temos crianças negras tendo vergonha da sua origem. Portanto, é preciso trabalhar a questão racial de forma a valorizar o negro e a cultura africana, pois, não há como eliminar o preconceito e a discriminação enquanto houver crianças e adultos com vergonha da sua cor. Para tanto, se faz necessário investir na formação do Educador Infantil.

De acordo com a LDB, em seus artigos 29 e 30,

a educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.

Se a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, por que não começar nessa fase o trabalho com a problemática racial no cotidiano escolar? Considero essencial trabalhar esta questão visando melhorar a auto-estima da criança negra em seu convívio social.

É no cotidiano da Educação Infantil que vemos as conseqüências dos meios social e familiar, os quais, influenciam e mostram que a questão racial precisa ser problematizada e desmistificada. Isto porque, as crianças começam a se constituírem como sujeitos a partir da assimilação do que a sociedade e a família são.

¹ Utilizo a expressão negro para identificar pessoas pretas e pardas, conforme classificação do IBGE.

A rotina também está presente no cotidiano escolar da educação infantil assim como as transformações e mudanças. E através do estudo do cotidiano vêem -se os conflitos da sociedade, como a questão racial. Por isso, conhecer o cotidiano escolar da Educação Infantil é fundamental para perceber como ocorre a assimilação das representações sociais, no que diz respeito à problemática racial, por parte das crianças, pois, como afirma Cavalleiro (2000):

Numa sociedade dialética homem/ sociedade, o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente à sua existência. Assim, interagindo com outros, a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social. (p.16)

OBJETIVOS

Os objetivos dos estudos das práticas escolares na educação infantil e da posição dos professores frente à problemática racial foram:

- Caracterizar o cotidiano escolar da Educação Infantil;
- Caracterizar as práticas educativas escolares de uma turma de Educação Infantil, de 4 a 6 anos;
- Relacionar tais práticas educativas escolares com o possível preconceito racial existente no cotidiano escolar;
- Relacionar a forma como se expressa a cultura do cotidiano escolar da Educação Infantil com a problemática racial;
- Investigar como os educadores da Educação Infantil percebem as questões raciais no seu cotidiano de trabalho e, ao percebê-las, quais atitudes são tomadas;
- Investigar quais as dificuldades encontradas pelos educadores para trabalhar as questões raciais com as crianças;
- Investigar se a formação recebida pelos educadores da Educação Infantil contribuiu para o seu entendimento de como lidar com as questões raciais no seu cotidiano de trabalho.

- Propor atividades escolares visando trabalhar o preconceito racial através do conhecimento das diversas etnias, da cultura dos negros e afros desce ndentes;

Com estes objetivos, buscou-se analisar algumas atividades escolares em relação aos negros que despertassem o interesse de todos os alunos (brancos e negros) para a diversidade da raça humana e promover o respeito pelas diversas etnias. Ademais, propiciar a reflexão das práticas escolares para com o preconceito racial no cotidiano da Educação Infantil, além de verificar as dificuldades encontradas pelos educadores.

JUSTIFICATIVA

Antes de começar este estudo, tinha a percepção de que vivemos em uma sociedade onde ocorrem diariamente práticas discriminatórias e preconceituosas em relação aos negros, tais como: dificilmente vemos nos shoppings vendedoras negras; raramente vemos pessoas negras ocupando cargos executivos; pessoas negras com alto poder aquisitivo sempre são olhadas de forma diferenciada das pessoas brancas, pois, há grande desconfiança pela maioria da população de onde veio tanto dinheiro, como se fosse difícil pensar que estas o conseguiram através de seu trabalho, dentre outras. Como a escola não está dissociada desse contexto, o preconceito racial também está presente. Sendo aluna do curso de Pedagogia, este tema me causou grande inquietação no que diz respeito às práticas escolares diante do preconceito racial.

Após debates e vivências investigativas neste projeto, pude perceber que estas práticas discriminatórias acontecem na maioria das vezes de forma camuflada e que muitas pessoas que dizem não ser preconceituosas, no entanto, se calam frente à questão racial. Já ao final deste trabalho, vejo que conheço mais acerca da problemática racial e suas repercussões no espaço escolar da educação infantil.

Acredito também que estudos sobre as diferentes práticas educativas escolares em relação ao negro, na educação infantil, contribuirão para o conhecimento dos professores e alunos, acerca da questão racial no Brasil, de forma a melhorar o cotidiano desse período escolar, tanto para os alunos negros quanto para os brancos. Esta melhoria consiste no respeito às diferenças e a uma educação igualitária para todos. Penso que é na Educação Básica que se deve começar a eliminar todos os tipos de preconceitos e estereótipos.

METODOLOGIA

Para conhecer e definir a vida cotidiana dos alunos e professores e a realidade social em que ambos estão inseridos, recorreu-se a análises do cotidiano. Para melhor explicitar isso, recorro ao pensamento de Pais (2003):

A vida quotidiana não se constitui num objeto unificado por qualquer sistema conceptual e teórico coerente e próprio, embora seja um termo que se tem imposto, orientando reivindicações, atitudes, discursos. Por outro lado, o quotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam. (p.72)

De acordo com a citação acima, considero fundamental o estudo do cotidiano da educação infantil, pois, nele estão presentes as assimilações que as crianças fazem do que a sociedade é e esta vive em constante transformação.

Também foi observada a prática cotidiana da Educação Infantil de uma escola pública do município do Rio de Janeiro, através, principalmente, de coleta de dados como questionários aplicados aos professores e de práticas educativas escolares relacionadas aos alunos negros. Com as crianças foram realizadas diversas atividades escolares como: dramatização, desenhos, contação de histórias entre outras, para verificar a relação entre alunos negros e brancos, além de, conhecer o que pensam e/ou sabem a respeito da cultura negra. Além disso, foram analisados diversos aspectos:

- Os conteúdos de formação e informação que poderiam estar privilegiando certos aspectos étnicos em detrimento de outros;
- As experiências do trabalho educativo que estão voltadas para a valorização de alunos negros;
- A forma como os professores percebem as questões raciais no seu cotidiano de trabalho e o que fazem para evitar o preconceito racial na Educação Infantil.

O método pensado para a realização da pesquisa foi uma pesquisa-ação. No entanto, devido a resistência por parte da professora diante do trabalho apresentado, esta pesquisa constituiu-se em uma pesquisa de caso etnográfico. Isto porque, uma pesquisa-ação, nas palavras de André (1995):

[...] visa sempre implementar alguma ação que resulte em uma melhoria para o grupo de participantes, geralmente pertencentes às classes economicamente desfavorecidas. Há, assim, um sentido político muito claro nessa concepção de pesquisa: partir de um problema definido pelo grupo, usar instrumentos e técnicas de pesquisa para conhecer esse problema e delinear um plano de ação que traga algum benefício para o grupo. Além disso, há uma preocupação em proporcionar a essas classes sociais um aprendizado de pesquisa da própria realidade para conhecê-la melhor e poder vir a atuar mais eficazmente sobre ela, transformando-a. (p.33)

De acordo com a definição acima, não foi possível proporcionar às crianças e à professora um aprendizado acerca do que foi estudado dentro do próprio cotidiano d elas, podendo até transformá-lo, uma vez que, não consegui por em prática todo o meu trabalho, tendo realizado apenas uma atividade sem interrupções. No entanto, pude conhecer o problema, mas não pude delinear um plano de ação devido ao desconforto da professora em relação à questão racial. Além disso, nesta escola não predominam classes economicamente desfavorecidas.

Portanto, considero esta pesquisa um estudo de caso etnográfico, pois, segundo André (1995):

[...] o estudo de caso enfatiza o conhecimento do particular. O interesse do pesquisador ao selecionar uma determinada unidade é compreendê-la como uma unidade. Isso não impede, no entanto, que ele esteja atento ao seu contexto e às suas inter-relações como um todo orgânico, e à sua dinâmica como um processo, uma unidade em ação. (p.31)

Ou seja, coletei dados suficientes para conhecer as particularidades da professora e de sua turma, em relação, ao cotidiano escolar em que ambas estão inseridas (Educação Infantil) e também em relação à problemática racial, através das práticas educativas, das relações: professor/ aluno, aluno/ professor e aluno/ aluno.

RESULTADOS

Após a direção da escola aceitar o meu projeto de pesquisa, passei a discutir com a coordenadora sobre como seria a prática em campo de acordo com a metodologia já mencionada acima. A mesma conversou com a professora da turma do Jardim II (crianças com 5 anos de idade) como seriam as minhas atividades. Logo, ambas chegaram a um consenso de que seria melhor, primeiramente, eu observar a relação da professora com os alunos para que tivesse conhecimento de como aplicar as atividades.

Desde o meu primeiro dia em turma, a professora começou a contar histórias com personagens negros. No princípio acreditava que ela o fazia por pensar que estaria me ajudando, no entanto, com o decorrer do tempo, pude perceber que essa era uma estratégia utilizada por ela para que eu não tomasse frente às atividades. Isto porque ela demonstrou resistência e falta de conhecimentos diante da questão racial. Além disso, a maioria das histórias contadas pela professora não trabalhava a cultura do negro e sua identidade, eram apenas histórias com personagens negros.

Em um determinado dia a professora explicou às crianças: “A pessoa tem a pele escura porque veio de outro país e pegou muito Sol e, quem tem a pele clara, não pegou muito Sol”. Fiquei espantada com esta afirmação, no entanto, nada pude fazer naquele momento, pois, qualquer comentário estaria desmentindo o que foi dito por ela, podendo assim causar algum conflito. Além disso, meu papel ali era de pesquisadora e não me cabia fazer intervenções que pudessem causar algum embaraço para a professora. Mas, propus uma atividade para ser realizada com as crianças em que retomaria essa questão. A professora concordou, porém, só consegui realizar esta atividade cerca de quinze dias depois:

Propus às crianças que desenhassem uma princesa. Muitas disseram não saber desenhar, então disse: “Desenhem como sabem e de acordo com o que acham ser uma princesa”. Esta atividade foi feita com crianças de 4 e 5 anos de idade. Em seguida, contei uma história chamada: Felicidade, uma princesa da África². Depois perguntei se alguém já havia visto uma princesa negra. Poucos responderam que sim. Após ter lido a história, pedi que falassem o que haviam entendido. Uma delas respondeu: “É a princesa Isabel”. Depois eu disse: “Então para quem nunca tinha visto uma princesa negra, aqui está uma, olhem ela quando pequena e agora grande. Ela não é bonita?” Uma criança respondeu: “Não. Ela é feia”. Perguntei por quê? “Ela é feia porque é preta! Eu não gosto de gente preta”. Então, eu disse que ele não podia pensar assim e em seguida perguntei a todos: “Alguém sabe por que uma pessoa tem a pele negra e outra a pele branca?” Uma das crianças respondeu: “É porque vem de outro país” (isto foi explicado pela professora e assimilado pelas crianças). Então falei: “Em outros países há pessoas negras e brancas assim como no Brasil”. Em seguida expliquei que todos possuem uma substância na pele chamada melanina e, quanto maior a quantidade desta, mais escura é a cor da pele, pois, a melanina é um pigmento de cor marrom escuro. Em seguida, a

² ROCHA, Leandra J. P. **Felicidade, uma princesa da África**. Três Rios, 2005.

mesma criança que disse não gostar de pessoas negras, afirmou: “O Júlio é preto e eu adoro ele”. Então eu disse: “Se você gosta dele e ele é negro, por que você falou que não gosta de preto?” Ele respondeu: “Eu não gosto mesmo, só gosto do Júlio”.

Depois perguntei às crianças: “Qual a diferença da princesa que vocês desenharam para a princesa da história?” Uma criança respondeu: “O cabelo, porque eu pintei de vermelho e o da história é preto”.

Esta atividade tinha como objetivo desmistificar o que foi dito pela professora em relação à cor da pele, de uns serem escura e de outros serem clara, além de, valorizar o negro e sua cultura (através da história contada) e saber como as crianças vêem as diferenças de uma princesa branca para uma princesa negra. Mas, pela reação da criança que disse não gostar de preto, percebi que trabalhar a questão racial exige mais tempo e mais conhecimento por parte daqueles que se propõem a tal atividade.

Iolanda de Oliveira (2006) ao realizar uma pesquisa sobre a possível interferência de professores que haviam cursado uma especialização na Educação da População Negra, chega ao seguinte resultado: “ao entrevistar os egressos, indagou-se sobre a inclusão dos estudos sobre a população negra no seu trabalho pedagógico em sala de aula, classificando-se as respostas nas seguintes categorias: inclusão ocasional, sistemática e ocasional/sistemática”. (p. 182) Entende-se por inclusão ocasional aquela “ação educativa a partir das situações emergenciais cotidianas que evidenciam o racismo na interação entre os que estão presentes no espaço escolar.” (p.182) Sistemática seria aquela ação com resultado de um planejamento, um projeto para trabalhar a questão. A pesquisadora chega à conclusão que não basta ter ações educativas ocasionais, é preciso também ações sistemáticas que deveriam envolver toda a comunidade escolar.

Em um outro dia, a professora contou uma história chamada: O amigo do Rei³. E explicou: “A capoeira foi trazida por uma outra raça que não foi a dos índios. A raça de escravos. Qual era a cor dos escravos?” Ela mesma respondeu: “Marrom, que nós chamamos de negros e eles nos ensinaram muitas coisas como a capoeira. O que era a escravidão?” Então ela explicou: “Os homens brancos foram lá nas tribos do continente africano onde tinham princesas e reis e roubaram os negros e trouxeram para o Brasil para serem escravos. O trabalho escravo é aquele que a pessoa trabalha muito e não ganha dinheiro, salário. E os brancos ficavam com chicotes nas mãos, e o que eles faziam se os negros não trabalhassem?” Uma criança respondeu: “Batiam neles”. E a

³ ROCHA, Ruth. **O amigo do Rei**. 9.ed. São Paulo: Ática, 2003.

professora confirmou e em seguida disse: “A senzala era onde os escravos moravam e eles não tinham cama quentinha e nem comida e comiam os restos das comidas dos brancos. E ninguém é dono de ninguém, por isso, não pode bater no outro só porque ele tem uma cor diferente, né?” As crianças responderam: “É!” Então, a professora continuou: “E Ioiô (branco) e Mathias (negro) brincavam juntos como se fossem iguais. A vida deles era igual?” As crianças em coro responderam: “Não”. E a professora pergunta: “Por quê?” Uma delas disse: “Porque um era branco e outro preto” (esta é a fala da mesma criança que havia afirmado anteriormente não gostar de preto). A professora perguntou: “E o que acontecia com o branco?” Uma criança respondeu: “Ficou chateado com o preto porque ele ficou cansado”. E a professora explicou que o menino branco morava na casa grande e não vivia como escravo.

A história O amigo do Rei é bem interessante, pois deixa claro que o negro veio para o Brasil para ser escravo, mas que na África, ele era rei mostrando assim os dois lados da História. No entanto, a professora em suas explicações sobre a história (como relatado acima) reforçou a imagem negativa sobre o negro, afirmando diversas vezes que ele era escravo, apanhava muito e não tinha o que comer. Ela poderia ter trabalhado mais a cultura africana e o que dela está presente no Brasil, de forma a valorizar a cultura africana e a importância do negro na construção da cultura e da identidade brasileira. Como há na turma há uma criança que tem interiorizado uma imagem depreciativa sobre o negro, a postura tomada pela professora frente à história narrada, reafirmou a esta criança todos os estereótipos negativos a respeito do negro enraizados na sociedade.

Em paralelo com a história relatada acima, eu propus uma atividade que consistia em apresentar duas cartolinas com diversas imagens de pessoas negras, tais como: personagens de desenhos animados, modelos, crianças, bebês, continente africano dentre outras. A professora concordou com a ideia, mas, me interrompia diversas vezes dificultando a realização da mesma. O objetivo desta atividade era apresentar as imagens às crianças, para descobrir o que elas pensavam acerca da questão racial.

A professora citou os países do continente africano baseada no mapa que continha na cartolina e como também havia uma imagem de capoeira, ela disse: “A capoeira era uma forma dos escravos se defenderem e hoje ela é uma luta e uma dança e quando ela chegou ao Brasil, era para os negros se defenderem também da escravidão porque eles apanhavam muito e sofriam muito”. As crianças ficaram animadas ao ver a foto da capoeira e a professora perguntou: “Vocês sabem que instrumentos são esses?”

Elas responderam: “Abada, pandeiro e berimbau”. Assim, que ela me passou a palavra, comecei mostrando a imagem de uma princesa negra que se rá o próximo filme da Disney, sendo lançado em 2009. Então perguntei: “O que vocês acharam das figuras? Elas são bonitas?” Uma criança disse “É legal”. Perguntei: “Quem mais quer falar?” Novamente a criança que dizia não gostar de preto falou: “Eu não gostei”. Questionei o por que e ela outra vez respondeu: “Porque é preta”. Em seguida falei: “Mas você não disse que tem um amigo negro e que gosta muito dele” Ele respondeu: “Mas é só dele que eu gosto e é porque ele é adulto e é do exército”. Em seguida eu disse: “Então você só gosta de pessoas negras e adultas. E de criança você não gosta?” Ele disse “Não”. Nesse momento a professora interrompeu e falou: “E da sua amiguinha Mônica ⁴ você não gosta dela?” Ele me disse: “Gosto”. Então eu disse: “Ela é negra!” E ele respondeu: “Então eu não gosto dela”. A professora disse: só porque ela é negra? E ele respondeu: “É. E eu não gosto da cor preta”.

Esta criança não gostou de nenhuma das figuras e achou todas feias. Algumas das outras crianças disseram ter gostado mais da princesa e outras da modelo porque são muito bonitas. Também havia uma foto de dois bebês abraçados (um negro e outro branco) e perguntei: “Alguém sabe o que quer dizer esta figura?” Algumas crianças disseram um bebê branco e outro preto; outras associaram a história contada pela professora. Então eu expliquei que a foto simbolizava a amizade de crianças de cor de pele diferente. Em seguida uma criança loira disse: “Eu tenho uma amiga morena”. A mesma criança mencionada acima continuava a dizer que não gostava de preto. Então, perguntei se ele havia escutado isso em algum lugar e ele respondeu: “Já ouvi muitas vezes”. Perguntei: “Onde?” Em seguida ele ficou pensando, se exaltou e disse: “Em nenhum lugar. Eu não gosto das pessoas pretas porque não gosto”. Além disso, tinha uma foto de uma menina negra e as crianças diziam é a Mônica e justificavam: “Porque a cor da pele e o cabelo são iguais”. Nesse dia a menina não tinha ido à aula.

O objetivo desta atividade também era investigar a opinião das crianças diante das imagens de pessoas negras, para assim, saber a partir de que ponto era fundamental trabalhar com elas a questão racial. Com esta atividade, pude perceber que as crianças quando se referiam às pessoas negras utilizam a palavra “morena” ou “preta”, pois a palavra “negra” não faz parte do cotidiano delas e inicialmente também não fazia parte do cotidiano da professora.

⁴ Este é um pseudônimo.

A postura da criança que diz não gostar de pessoas pretas, nos leva a pensar sobre como o preconceito racial vai se constituindo em nossa personalidade. Longe de afirmar que esta criança se tornará um adulto preconceituoso, pois, esta postura atual pode revelar apenas um momento específico de sua vida, o preconceito racial como diz Gomes (2005),

é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. (p. 54)

Diante da resistência da professora em relação à questão racial, consegui realizar apenas uma atividade (citada acima) sem a intervenção da mesma, pois, ela sempre se adiantava para ler qualquer história com personagens negros, não permitindo, dessa forma, que eu realizasse qualquer atividade, mesmo esta sendo comunicada com antecedência. Isto é, a professora sabia que era eu quem realizaria as atividades com a turma e dizia não ter problema, mas, ao mesmo tempo não me dava espaço para a concretização das mesmas.

Em um determinado dia a professora disse a mim: “Você acha que isso vai da em alguma coisa”? “Já deu no que tinha que dar e as crianças já disseram tudo que pensam... é melhor você procurar outra turma para fazer as atividades”.

No que se refere à leitura e ao debate dos textos, obtive auxílio para a minha monografia que também trata a questão racial, além disso, compreendo melhor a problemática racial no Brasil, em específico nas escolas; entendo que é preciso haver respeito e conhecimento sobre a cultura negra e sua identidade tanto por parte da sociedade como também pela escola.

DISCUSSÃO

A QUESTÃO RACIAL E AS ESTRUTURAS DA VIDA COTIDIANA

Como já é sabido, o preconceito racial está enraizado na cultura brasileira, por isso, é importante o conhecimento das estruturas da vida cotidiana para melhor compreender como este se dá nas escolas de Educação Infantil. Para tanto, utilizei o conceito de Agnes Heller (2005) acerca da vida cotidiana: é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

Para Heller após o homem ter assimilado as relações sociais ele passa a ter controle da sua cotidianidade, pois, tem o domínio espontâneo das leis da natureza. Esta assimilação também ocorre na escola, logo, a importância de conhecermos o cotidiano escolar da Educação Infantil para sabermos como surge a problemática racial.

Agnes Heller (2005) tece a relação entre a moral e o humano-genérico (nós): Quanto mais intensa é a motivação do homem pela moral, isto é, pelo humano -genérico, tanto mais facilmente sua particularidade se elevará (através da moral) à esfera da genericidade. (p. 24) Ou seja, no indivíduo estão sempre presentes a particularidade (eu) e a genericidade (nós) e esta união é tida como muda (HELLER, 2005), pois, não ocorre consciência da mesma. Além disso, a ética e a moral dão condições para a existência do humano-genérico. Quanto mais o indivíduo se prende à moral, mais próximo fica da genericidade passando a pensar não apenas nele, mas também no outro.

EDUCAÇÃO IGUALITÁRIA

Para haver uma educação igualitária para todos é preciso não existir mais preconceitos e nenhum tipo de discriminação. Embora qualquer discriminação deva ser combatida, focarei apenas a discriminação em relação ao negro que deve ser trabalhada a partir da Educação Básica eliminando todos os estereótipos e desmistificando inverdades acerca da cultura negra. Nas escolas assim como na sociedade, as crianças

negras são muitas vezes desprezadas e insultadas devido a sua cor, por isso, Cavalleiro (2001) diz:

Um olhar sobre o cotidiano escolar dá margem à compreensão de uma relação harmoniosa entre adultos e crianças; negros, brancos. Entretanto, esse aspecto positivo torna-se contraditório à medida que não são encontrados no espaço de convivência das crianças cartazes, fotos ou livros infantis que expressem a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira. (p.145)

Educar também é acolher com amor e dedicação os alunos e este acolhimento dever ser dado também às crianças negras de forma igualitária. Ademais, o Educador Infantil não deve ser conivente com nenhuma atitude discriminatória em relação às crianças negras, ele tem que discutir a questão racial e impor respeito à identidade e à cultura das mesmas.

Cavalleiro (2001) também afirma:

No cotidiano escolar, a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e idéias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo docente, etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. Em um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a ferramenta mestra. (p.150)

Para que haja mudança no cotidiano escolar em relação aos preconceitos é preciso que todos desde educadores, alunos e até os pais repensem a questão racial de forma crítica, visando sempre uma educação igualitária para alunos negros e brancos.

A QUESTÃO RACIAL E IDENTIDADE

Tive por objetivo trabalhar junto com a professora da turma de Educação Infantil, a identidade da criança negra para que ela se aceite como negra. Penso em identidade com base no conceito do antropólogo Kabengele Munanga (1994)⁵ citado por Nilma Lino Gomes (2005):

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a

⁵ MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre o discurso anti-racista no Brasil. I: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994. p. 177-187.

defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (p.40)

A identidade da criança é construída tanto em seu ambiente familiar, junto à sua comunidade e na escola, por isso, esta última deve aceitar e compreender que há uma identidade negra, assim como há identidade de mulheres, de índios, de homossexuais entre muitas outras. A identidade negra, assim como qualquer outra está sempre em processo de transformação e mudança, e se assumir como negro é uma questão política da mesma forma que a questão racial também é de responsabilidade política.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2005), a identidade negra é entendida, como construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Souza (1991), citado por Ferreira (2000), afirma que:

a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor. (p.41)

Por isso, a valorização da cultura negra se faz essencial para eliminar os estereótipos e preconceitos acerca do negro, já que a construção da identidade acontece com o outro sempre presente. Ou seja, uma pessoa não consegue construir sua identidade totalmente livre de influência do meio.

Para combater a negação do outro é preciso que a criança aprenda a conviver com as diferenças, de forma que o outro não precise excluir a sua identidade para viver a do grupo dominante, além de que, o novo sempre existirá e através dele há o desenvolvimento. É preciso eliminar as idéias estereotipadas para que o outro seja aceito evitando o preconceito e tirar da mente da criança que a pele negra é sinônimo de “coisas ruins”.

O Educador Infantil deve desmistificar que as questões biológicas do negro são inferiores às do branco, sem utilizar a biologia para justificar a discriminação ao negro. Mostrar a cultura negra e discuti-la sem apenas focar na escravidão.

O professor como indivíduo, está sujeito a absorver os preconceitos sociais, mas como profissional da educação precisa estar atento e consciente do seu papel de agente

transformador. A escola deve valorizar o negro e sua cultura, pois, ela é o ponto de encontro e de embate das diferenças étnicas e raciais, podendo ser instrumento eficaz para diminuir e prevenir o processo de exclusão social e incorporação do preconceito pelas crianças negras.

Para tanto, ela pode utilizar a literatura para desconstruir as imagens negativas obtidas para com o negro. Além do mais, há muitos livros que ilustram histórias e saberes da cultura negra e africana que desmistificam muitas inverdades sobre o negro, sua religião e sua cultura.

O SILÊNCIO DO PROFESSOR FRENTE À QUESTÃO RACIAL

Já é sabido que as práticas de preconceito e discriminação racial estão presentes na sociedade, mas é na escola que estas são reforçadas. O silêncio do professor ajuda a reforçar ainda mais estas práticas. E a criança discriminada sente -se sozinha diante desse conflito. Portanto, Freire (1987)⁶ citado por Cavalleiro (2001) diz: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação – reflexão”.

Durante a minha pesquisa de campo, percebi que a professora tinha dificuldade para encontrar uma palavra para se referir às pessoas negras. Muitas vezes ela utilizava o termo “morena” e outras vezes dizia: “pessoas com esse tom de pele”. Frente a esta questão, Cavalleiro (2001), afirma:

Precisamos entender que a criança negra não é “moreninha”, “marronzinha”, nem “pretinha”. Quando a criança reclama que não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiramente dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ela não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluída das brincadeiras... Assim, melhor do que chamá-la de “moreninha” para disfarçar a sua negritude é cuidar para que ela receba atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo. (p.156)

O silêncio do professor frente à questão racial também está relacionado ao despreparo do mesmo. Ou seja, as instituições de formação de professores não fornecem embasamento teórico e prático para orientá-los, de forma, que muitos preferem não se manifestar por não saber como agir. Porém, o professor deve se conscientizar

⁶ FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 78.

para a promoção de um ambiente escolar de respeito às diferenças, pois como afirma Freire (2006): [...] “a educação é uma forma de intervenção no mundo”. (p.98)

Freire (1979)⁷, citado por Cavalleiro, (2001) afirma que:

[...] A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um “compromisso” contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão “comprometidos” consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível. (p. 159)

A instituição escolar e todo corpo docente não podem se calar diante das práticas discriminatórias e do preconceito racial. É necessário que todos ajam com atenção e com consciência de que transformar é preciso, portanto, todos devem se comprometer com essa transformação. O cotidiano escolar deve ser local de igualdade sem sentimentos de superioridade.

Gomes (1990)⁸, citada por Cavalleiro (2000), diz:

Ao final do processo de socialização a criança não só domina o mundo social circundante, como já incorporou os papéis sociais básicos – seus e de outros, presentes e futuros – mas, acima de tudo, já adquiriu as características fundamentais de sua personalidade e identidade. (p.159)

Por isso, é fundamental desmistificar todos os estereótipos acerca do negro para que as crianças (tanto brancas quanto negras) não os levem em sua identidade e, com base nisso, o professor não deve se silenciar, pois este silêncio pode transparecer conivência com a desigualdade entre brancos e negros.

O professor deve deixar claro que não existe cultura superior e que a cultura africana e a do negro são diferentes das dos brancos, mas, não são inferiores e que na cultura brasileira estão presentes tanto a cultura de um quanto de outro. Portanto, mais um motivo para que a escola trabalhe bem a diversidade cultural e racial sem reforçar estereótipos negativos acerca de nenhuma cultura.

⁷ FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 19.

⁸ GOMES, J.V. Socialização: um problema de mediação? Psicologia/USP, 1990. p. 57 -65.

CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, concluo que, este estudo foi importante, pois obtive dados para caracterizar o cotidiano de uma turma da educação infantil desta escola, em relação às práticas educativas no que se refere à questão racial, como sendo um espaço que promove o desenvolvimento físico e intelectual da criança, porém, não há nenhum trabalho acerca da questão racial e conhecimento da cultura africana, inclusive por parte dos professores. Mas, com a minha iniciativa dentro de escola a professora da sala de leitura mostrou grande interesse pelo tema, mesmo estando sempre afirmando que se trata de uma questão difícil de ser trabalhada, por isso, ela comprou diversos livros que trabalham esta temática, com o intuito de aumentar o material para ajudar o meu trabalho.

Diante da falta de conhecimento em relação ao preconceito racial por parte da professora da turma observada, acredito ser necessário que todo o corpo docente se empenhe em conhecer mais sobre o tema e que se sensibilize a ponto de querer transformar o cotidiano da educação infantil em um local onde se tem uma educação igualitária para todos. No entanto, considero que o tempo em que estive em campo não foi suficiente para coletar mais dados acerca da formação dos professores e de suas vivências frente a esta questão.

Com este estudo notei que o preconceito racial está presente na escola estudada, mas, de forma camuflada, portanto, acredito que a continuidade deste trabalho é essencial, pois na turma observada há uma criança que tem interiorizada a imagem negativa do negro (provinda da sociedade e da família), e como, a professora não toma nenhuma posição que ajude a desmistificar esta imagem estereotipada (muito pelo contrário até reforça), vejo que meu trabalho e minha sensibilidade frente à questão racial devem continuar com o intuito de contribuir para a transformação do cotidiano escolar das crianças e da professora, de forma a promover igualdade entre crianças brancas e crianças negras, além de, contribuir para uma postura de reflexão por parte de todos e principalmente da professora.

Como aluna do curso de Pedagogia, me cabe tentar construir uma educação melhor para todas as crianças e, como cidadã, tenho que ajudar a construir uma sociedade melhor (sem desigualdades) e tendo o conhecimento de que o preconceito

racial está no cotidiano de alunos e professores tanto em seu meio social quanto escolar, estou e pretendo continuar a combater o preconceito racial de forma a desconstruir toda imagem estereotipada acerca do negro e de sua cultura.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil**. Brasília: 2006. Volumes I e II. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação Anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: _____. **Racismo e anti-racismo na educação**: Repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

OLIVEIRA, Cristiane Mandanelo. **Livros e Infância**. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2008.

OLIVEIRA, Iolanda. Educação e população negra: especialistas em sala de aula e no contexto escolar. OLIVEIRA, Iolanda (Org.) **Cadernos Peneb**. Rio de Janeiro: Quartet/Niterói: Eduff, 2006. p. 179-208.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

O LEITOR: concepção de infância. Disponível em: <<http://www.sitedeliteratura.com/Infantil/leitor.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2008.